O Labirinto do Fauno:

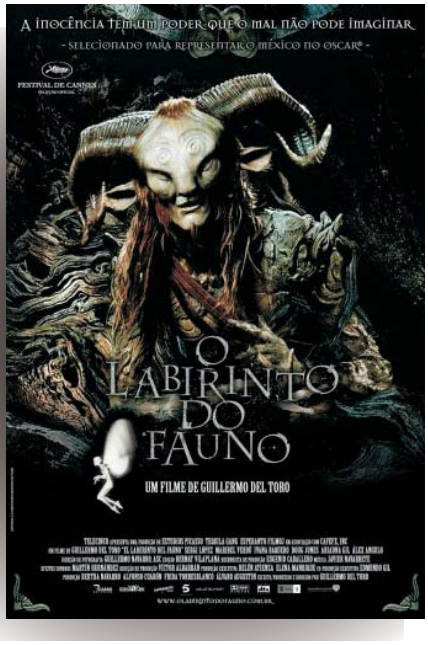
Escolha e sacrifício no filme de Miguel Del Toro

Rodrigo Medina Zagni

El Laberinto del Fauno, suspense dirigido pelo renomado cineasta mexicano Miguel Del Toro e que mobilizou locações no México, Espanha e EUA, chegou às telas de cinema em 2006 e ganhou o Oscar de melhor direção de arte, fotografia e maquiagem (premiado, na mesma categoria, também no BAFTA). Apesar da importância, dada a qualidade do conjunto da obra, a premiação alcançada soa residual.

Na mesma premiação em que concorreram os filmes "Babel", "Os Infiltrados", "Cartas de Iwo Jima", "Pequena Miss Sunshine" e "A Rainha", entre outros, o filme de Miguel Del Touro não deixa nada a desejar frente aos petardos hollywoodianos, colocando em questão a vigência anacrônica da problemática categoria "filmes estrangeiros".

Os méritos do filme são muitos: além da direção, o denso e dramático roteiro também de Miguel Del Toro (Melhor Roteiro Original no prêmio Goya), a envolvente trilha sonora de Javier Navarrete (Melhor Som no Goya), o ambiente sombrio construído na fotografia de Guillermo Navarro (ganhador também do Independent Spirit Awards e do Goya) e duas surpreendentes atuações: da menina Ofélia, interpretada pela atriz Ivana Baquero (vencedora também do Goya na categoria de Melhor Revelação Feminina) e da rebelde Mercedes encarnada pela atriz Maribel Verdú.



O período ambientado é o da Espanha franquista de 1944, no pós-Guerra civil Espanhola, na perspectiva do enfrentamento entre as tropas regulares do regime totalitário de Franco e a resistência anarquista e comunista que se organizava a partir da guerrilha nas montanhas ao norte de Navarra.

Tendo esse ambiente como pano de fundo o roteiro envereda para uma narrativa fantasiosa, em que o recalcamento das restrições sociais, dado sob a violência do regime totalitário espanhol, encontra uma válvula de escape na fábula construída por Ofélia, inspirada nos contos de fada dos inseparáveis livros que carrega consigo, edificando para si casulos de realidade, simulacros onde a violência experimentada no plano real é referida pelas alegorias, sendo possível superá-las.

A insuportável realidade, a necessidade de fuga, o potencial imaginativo humano e a fantasia constituem uma seqüência tão harmoniosa no roteiro de Del Toro que essas etapas se interpenetram e passam quase que indistintas.

É com essa lógica que o labirinto toma forma alegórica da falta de perspectivas de saída para a situação política adversa da Espanha, e diante dos caminhos obstruídos pela violência da tortura ao assassínio, agiganta-se o altruísmo dos que sacrificam a si.

Trata-se de escolhas difíceis, mas inevitáveis para determinado gênero humano, aquele que se agiganta frente a barbárie das intolerâncias; momento significativo expresso nas palavras do personagem interpretado por Álex Ângulo, o médico, referindo-se ao algoz Capitão Vidal, encarnado por Sergi López: "Obedecer, assim sem pensar, é para homens como você!"; antes do sacrifício: o caminhar sob a mira de uma pistola, na certeza de um tiro pelas costas.

A violência política polariza as escolhas e o livre arbítrio é reduzido à impossibilidade de caminhos dúbios, é o que explicita o "Livro da Encruzilhada". O caminho da inação tem um preço: o sacrifício de inocentes; assim como o da ação transformadora, uma vez que a rosa da fábula inicial, contada por Ofélia, que encarna os significados da liberdade por meio da imortalidade (ultrapassar os impedimentos biológicos da finitude da existência humana) só pode ser alcançada no topo de uma montanha de espinhos. Por ela, só não sangram os que têm asas.

De qualquer forma, em ambas as escolhas no pé da encruzilhada, a imortalidade parece um fim comum, o caminho é que é distinto e que a partir dele as escolhas operam. Para Vidal, que encarna a subserviência militar ao regime assassino de Franco, a imortalidade aparece nos valores cristalizados da tradição: "morrer pela pátria", de forma honrada, perpetuar-se no tempo pela conduta virtuosa expressa nas armas e assim imortalizar a si no devir histórico, prolongando ilusória e indefinidamente sua efêmera existência terrena.

O conflito entre realidade e idealidade amarra a trama. Mas na fantasia a realidade é dobrada por Ofélia, enfrentada não de mãos atadas mas com "varinhas de condão", giz mágicos, fadas transformadas a partir de gafanhotos e faunos de um velho tronco de árvore.

Para imortalizar-se, Ofélia precisa superar a condição humana, eivada de contradições. Os trabalhos que constituem tarefas têm por finalidade demonstrar exatamente isso: sua condição divina que implica em depurar sua humanidade pelo desapego dos desejos terrenos, pelo sacrifício.

Não há como coexistir com a violência do regime, é preciso estar entre os perseguidos, não compactuar com os perseguidores, sob o preço de se tornar um deles.

É o que se tornam todos aqueles que se sentam à mesa com Vidal, cujo correspondente no plano da fantasia é a criatura horrenda, cujos olhos estão nas palmas das mãos. Igreja, burguesia, grandes proprietários de terra e a classe política tinham tanto sangue nas mãos quanto os militares. Para estar ali era preciso negar-se a ver, devorar os próprios olhos, por opção.

O banquete é luxurioso, inebria, tira a própria percepção do tempo. Não há como comer da mesma mesa sem que inocentes paguem por isso, como as fadas devoradas pelo monstro da ditadura.

Ao final voltamos à alegoria do sacrifício, sentido geral da obra expresso na contraposição entre o militar e o médico, que concentra a contraposição entre a desobediência à ordem injusta e a cega obediência marcial, entre o esforço pelo fim das tradições, aspirando a vida justa, e tendo como conseqüente resultado "morte", enquanto os assassinos estão no poder.